
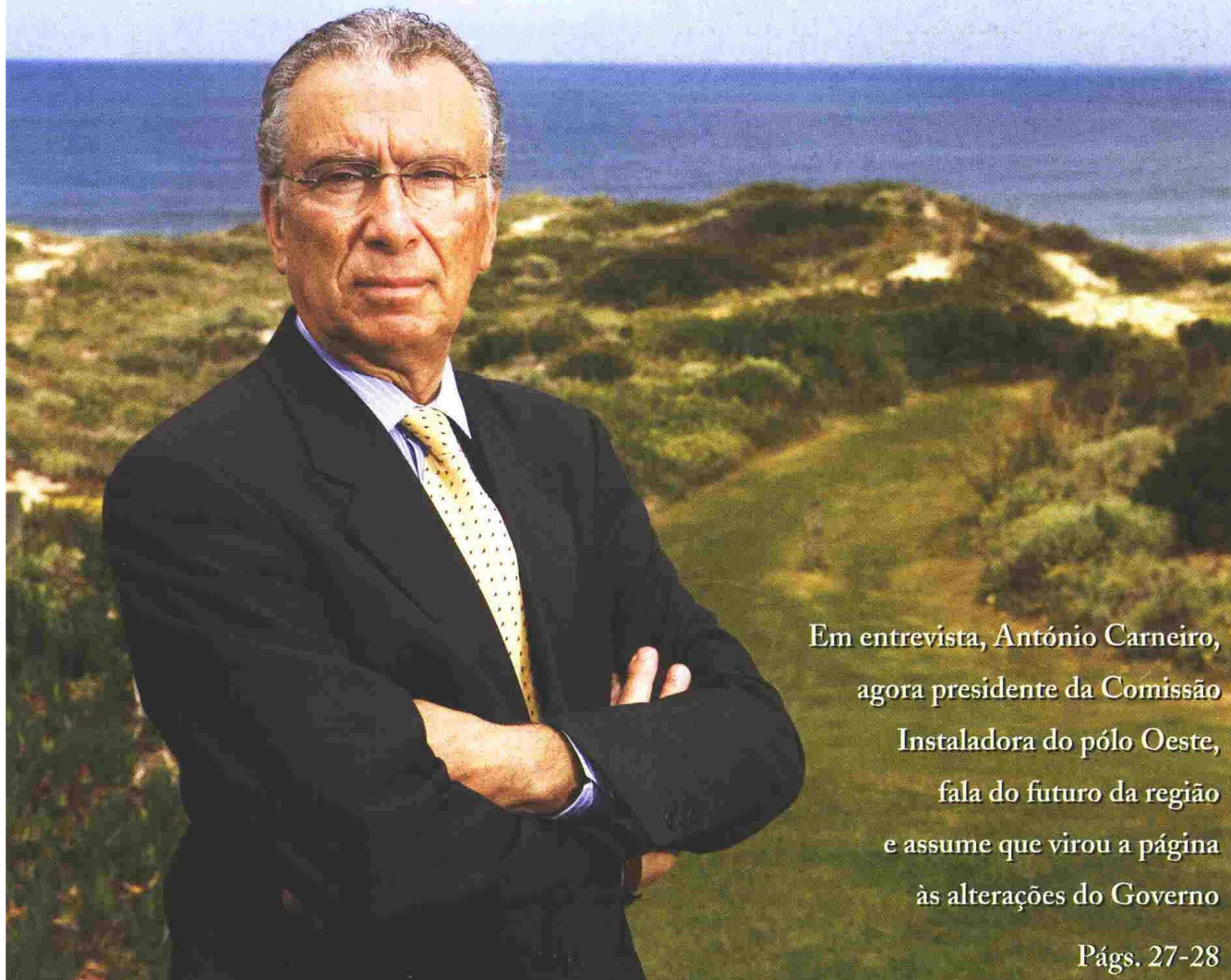


Tema: Empreendimento Bom Sucesso		Área: 174735 mm2		Âmbito: Especializada	
Título: A Oeste... tudo de novo - Entrevista a António Carneiro				Temática: Turismo/Viagens	
2008/06/13	PUBLITURIS - PRINCIPAL	Pág.1		Periodicidade: Semanal	Inv.: 3710.00

A Oeste... tudo de novo



Em entrevista, António Carneiro,
agora presidente da Comissão
Instaladora do pólo Oeste,
fala do futuro da região
e assume que virou a página
às alterações do Governo

Págs. 27-28

Tema: Empreendimento Bom Sucesso					Âmbito: Especializada
Título: A Oeste...tudo de novo - Entrevista a António Carneiro					Temática: Turismo/Viagens
2008/06/13	PUBLITURIS - PRINCIPAL	Pág.27	Imagem: 2/3		Periodicidade: Semanal

"A página está virada e o Oeste prepara-se para a mudança"

António Carneiro fala sobre o rumo do pólo turístico do Oeste, depois da extinção da RT, assumindo que continuará a ser voz activa na defesa dos interesses da região



David Oliveira

■ O presidente da Comissão Instaladora do pólo Oeste debate-se por estatutos que estejam à altura da mudança

Sónia Gomes Costa

sgcosta@publituris.pt

Depois de décadas como estância balnear da região de Lisboa, o Oeste passa a Região de Turismo em 1983. Como é que o Oeste deu o salto no Turismo?

Durante muito tempo o Oeste esteve associado ao turismo balnear, de sol e praia. No início dos anos 80 surgem alguns investimentos hoteleiros na região, nomeadamente hotéis de três estrelas. Em 1983, ano em que nasce a Região de Turismo do Oeste, havia 1100 camas, sendo que mais de metade estavam no Hotel Golfe Mar.

Mais tarde surgem dois novos hotéis de quatro estrelas, e com isso a Região de Turismo do Oeste começa a entrar no ramo da hotelaria convencional, com alguma qualidade e dimensão, para criar o destino turístico.

Em que medida as novas unidades hoteleiras contribuíram para a projecção do Oeste como destino turístico?

A segunda página da história do turismo no Oeste abre-se com a surpreendente chegada do Hotel Praia d'El Rey Marriot Golf &

Beach Resort em Óbidos, há quase cinco anos e do campo de golfe há 12. Este campo de golfe da Praia d'El Rey, mesmo antes de o hotel abrir já se posicionava no ranking dos melhores da Europa, ou seja, já se começava a criar um destino de golfe. Jamais imaginávamos que o Oeste iria ter um hotel de cinco estrelas de uma cadeia internacional. Isto não só veio mudar o paradigma da procura como colocar potenciais investidores no turismo a pensar no Oeste como possibilidade. Imediatamente a seguir surge o Westin Campo Real, criando um novo paradigma de resort rural. Também jamais imaginei que uma cadeia com a dimensão da Westin do grupo Starwood quisesse vir para um local que está a cerca de vinte quilómetros da praia, e que investisse em produtos como vinhos, cavalos e golfe.

Posto isto, vão surgir novos hotéis e campos de golfe...

E quais são os novos investimentos turísticos no Oeste?

Com o novo PDM aprovado vai ser lançada a aldeia do golfe, com um campo de golfe de 18 buracos, mais um aparthotel, e o Campo

Real vai iniciar ainda este ano a obra para fazer mais nove buracos de golfe duplicando a área do campo, além de mais unidades de alojamento e um novo aparthotel, que será assinado pela marca Sheraton. O Bom Sucesso, que ainda vai divulgar a marca, abre o campo de golfe já em Setembro. Na praia Azul, em Santa Cruz, há um resort que tem já o ok da Câmara Municipal de Torres Vedras, e há uma carta de intenções da Intercontinental para fazer um hotel de 280 quartos. Fala-se também de um Meridien na região. Vai arrancar a obra do Royal Óbidos do grupo Oceânico e a MSF Turim que vai anunciar uma grande marca hoteleira, e que prevê dentro de dois/três anos um novo campo de golfe e um hotel. Também está em projecto um Golden Eagle com um hotel e também um campo de golfe de 18 buracos em Rio Maior.

A Falésia d'El Rey vai também arrancar com um projecto de um resort semelhante ao Marriot e que terá hotelaria de cinco estrelas, e que será certamente de uma grande marca. Também vai ser aprovado um projecto de um resort rural no interior do município de Torres

Vedras, que terá um aldeamento, um hotel e um aparthotel e um campo de golfe de 18 buracos, cuja obra se iniciará no próximo ano.

Eu diria que o Oeste fica com a maior concentração de hotéis de cinco estrelas por quilómetro quadrado dentro de 10 anos, onde a região já poderá contar com 10/12 campos de golfe e outros tantos hotéis de cinco estrelas.

Como vê a promoção do Oeste?

O Oeste tem uma série de produtos que nos tornam identificáveis: somos uma terra de vinhedos, de frutos, de hortícolas, de mar, ou seja há um território que do ponto de vista climático, morfológico e de produção agrícola é mais ou menos homogéneo, e nós entendemos que haveria todo o interesse em partir para a certificação de alguns produtos (como a péra rocha do Oeste), alargando e começando a vender o conceito da marca Oeste, da marca/destino, para dizer ao País e ao estrangeiro que o Oeste é um território de produtos de qualidade, também turisticamente. A ideia é passar a colar este conceito do Oeste como marca/destino não só nos produtos

turísticos mas também noutros produtos, como forma de identificar o território (através de um nome e logo comum) e interligar os produtos valorizando-se mutuamente.

Quais são os principais produtos turísticos da região?

O Golfe vai ser "O" produto turístico da região porque vai arrastar todos os outros que não têm a mesma dimensão internacional.

O Oeste não é uma região metropolitana, mas antes rural. Por exemplo, o PROT mantém o paradigma da manutenção da ruralidade moderna, e face a isto, o nosso principal recurso turístico é a paisagem rural em harmonia com o mar. É nesta diferença e na autenticidade do Oeste que apostamos, porque o turista de qualidade não quer estar numa região artificial. Por outro lado, somos cerca de 350 mil habitantes no Oeste e estamos, sem dúvida, com um crescimento exponencial, principalmente desde 2006. Ou seja, temos a possibilidade de em 10 anos passar de quatro mil camas para 50 ou 60 mil, tendo uma capacidade máxima prevista para 90 mil camas. Se forem 50 mil camas a uma taxa média de ocupação de 60% serão 30 mil pessoas, que se sentirão bem na paisagem e na cultura do Oeste, e vice-versa.

Queremos ser uma região de turismo de qualidade mas não uma região turística, e nem precisamos de o ser. Mas não critico quem seja.

Além do golfe, quais são os outros produtos âncora?

Em termos de massificação/grupos, o Sol e Mar será sempre o principal produto, embora o objectivo seja vender o Oeste como Sol e Mar em paralelo com o Golfe. Mas o Oeste vai concentrar-se fundamentalmente em dois produtos: o Touring Cultural e Paisagístico onde incluímos o Sol e Mar (que também pode ser um produto individualizado) e o Golfe.

Em termos relativos, e face à dimensão do produto, faremos maior esforço no Golfe (que regista grande evolução) do que no Touring/Sol e Mar, onde a oferta é maior e precisa de "menos ajuda".

Tema: Empreendimento Bom Sucesso					Âmbito: Especializada
Título: A Oeste... tudo de novo - Entrevista a António Carneiro					Temática: Turismo/Viagens
2008/06/13	PUBLITURIS - PRINCIPAL	Pág.28	Imagem: 3/3		Periodicidade: Semanal

E quais são os principais mercados para esses produtos?

Para o Touring Cultural e Paisagístico os mercados são claramente o interno, o espanhol e o francês.

Para o Golfê, são os mercados tradicionais deste produto, isto é, o Reino Unido e o escandinavo, que apesar de ser difícil e de haver muita concorrência, temos de conseguir quer para o Golfê quer para o Turismo Residencial. Penso que o Turismo Residencial, face à crise imobiliária, é extremamente importante para a Economia nacional.

Considera então que o Turismo Residencial deve ser mesmo uma aposta?

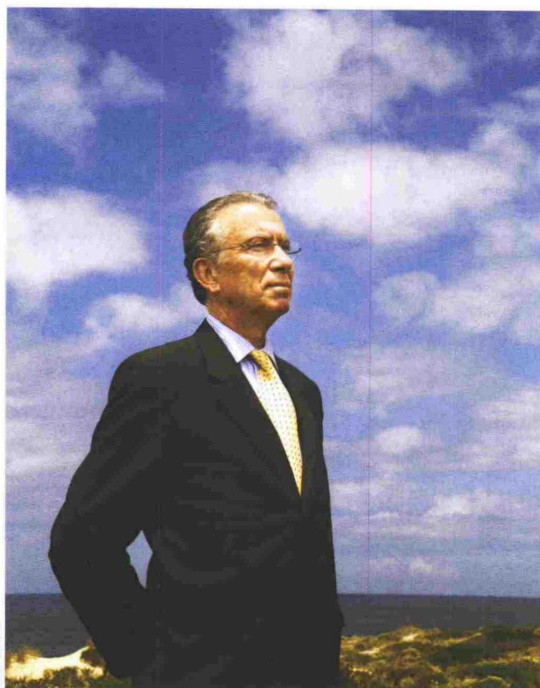
Sim, e tenho de tirar o chapéu ao Governo, e ao secretário de Estado do Turismo, pela coragem de considerar o Turismo Residencial um produto prioritário, contra muitos "velhos do Restelo" que não o consideram um produto turístico. Nesta região não haverá Golfê a sério sem Turismo Residencial, é mesmo a única alternativa para ser resort porque são os empreendimentos que criam destinos.

O que tem a dizer sobre o programa semelhante ao "Algarve" que vai ser lançado em breve para o Oeste?

Não posso adiantar muito porque será o secretário de Estado do Turismo a apresentar o programa oficial. Posso dizer que é óbvio que o Governo ao criar esse programa não o fez pelos meus bonitos olhos. Fê-lo sim porque percebeu que há que ajudar o investimento que tem sido feito na região. O programa será lançado no dia 18 deste mês no Mosteiro de Alcobaça e arranca imediatamente a seguir, prolongando-se até final do ano. O investimento da campanha ronda os 500 mil euros, e queremos também que os municípios contribuam para a divulgação da mesma. Já temos uma grande variedade de eventos e vamos apostar na sua promoção, centrando-se este ano no mercado interno. No próximo ano queremos que este programa dos eventos do Oeste seja reforçado financeiramente e também promovido junto do mercado espanhol.

Qual foi o impacto no Oeste, depois do cancelamento da OTA e da aprovação do projecto para o novo aeroporto em Alcochete?

É evidente que não vamos negar que a mudança do local do aeroporto é uma perda porque seria um investimento muito importante



David Oliveira

para o Oeste e para a Economia da região. Não vamos negar também que nos sentimos enganados depois da promessa que foi feita à região, porque não foi o Oeste que pediu um aeroporto, mas sim o aeroporto que veio à procura do Oeste. Por essa razão tínhamos como dado adquirido que o novo aeroporto viria para o Oeste. Mas temos de ser práticos, e sendo a situação irreversível, resta-nos adaptar à nova realidade. Já virámos essa página.

Os empresários do Oeste não se sentiram lesados com essa mudança de planos do Governo?

De uma forma muito pragmática analisámos a situação porque fiquei preocupado que os grandes empresários e resorts da região pudessem parar algum investimento. Face à nova realidade, falei com os vários intervenientes que me garantiram não estar preocupados com essa situação, e que só ficariam preocupados se as ligações ao novo aeroporto não fossem boas. Contudo, visto que há garantias do Governo que teremos o IC 11 que fará a ligação Peniche-Lourinhã-Torres Vedras-Carregado, e daí ao novo aeroporto, eu diria que haverá uma perda de 10 a 15 minutos no máximo em relação à OTA.

Por isso não poderemos considerar que seja preocupante e sentimo-nos bem em relação ao novo aeroporto em Alcochete.

Com a extinção da Região de Turismo como se afigura o rumo

do pólo turístico do Oeste?

Ao nível territorial, o Oeste perdeu o município de Rio Maior, que faz parte da Associação de Municípios do Oeste e que, inexplicavelmente lhe foi retirado. Isto porque quando conhecemos em Dezembro a proposta de Lei que estava em Conselho de Ministros, o pólo Oeste tinha Alcobaça e Nazaré, ou seja, era o pólo do PENT. O Governo criava uma entidade regional para gerir o pólo no PENT, que é a NUT III e coincidente com a Associação de Municípios do Oeste. Encontrei aí uma coerência e não protestei pela perda de Rio Maior. Com a reviravolta em Abril retiraram-nos Alcobaça e Nazaré para manter Leiria/Fátima e simultaneamente retiraram-nos Rio Maior. Por isso protestarei enquanto tiver voz perguntando qual é a legitimidade de Leiria/Fátima para ter Alcobaça e Nazaré que são do pólo PENT Oeste, e o Oeste não tem legitimidade para ter o concelho de Rio Maior, que aprovou por unanimidade a sua manutenção no pólo associado à Região de Turismo do Oeste? Compreendo a dificuldade do Governo em responder a esta matéria porque nesta questão apresentou dois pesos e duas medidas, além de que para fazer uma arrumação, e nada tenho contra a criação do pólo Leiria/Fátima, penso que muita gente nesse pólo não esperaria que isso significasse a desarticulação do pólo Oeste do PENT. O facto é que o SET diz que o pólo do PENT continua a existir, ou seja que para efeitos do PENT, o

pólo tem Alcobaça e Nazaré e que para efeitos de área regional não tem, o que para mim é uma situação que não faz qualquer sentido, e espero ainda uma resposta.

No concreto ainda é muito difícil dizer o que perdemos, porque ainda vai demorar uns meses, os municípios ainda têm de se pronunciar sobre a adesão ao órgão.

E no que respeita às competências da Comissão Instaladora?

Nessa matéria, a Lei tem alíneas muito filosóficas, e estamos a tentar que os estatutos tenham conceitos mais práticos, nomeadamente na promoção. Cabe ao SET aprovar os estatutos ou não, mas é evidente que vamos tentar ter algumas competências no que toca à promoção externa. Considero que não faz sentido ter criado estas novas figuras, ter rearrumado o País turisticamente e manter as agências. A contratualização está feita até 2009, mas acho que os órgãos das novas áreas regionais de turismo devem ter competência para a promoção externa. Se querem fazer a distinção entre os pólos e as outras áreas regionais esse é um problema do Governo que tem legitimidade para tal, mas parece-me que as ART tal como as conhecemos hoje não fazem sentido, ou então terei de chegar à conclusão que este figurino a que chegámos foi apenas pelo prazer "sádico" (e não acredito

"Protestarei enquanto tiver voz perguntando qual é a legitimidade de Leiria/Fátima para ter Alcobaça e Nazaré que são do pólo PENT Oeste?"

nisso) de destruir as Regiões de Turismo. Dizer que há RT a mais sempre foi uma falácia porque estas trabalhavam já na promoção externa, financiando também as ART. Admito que deveríamos ter competências pelo menos nalguns níveis de promoção externa. Se o SET tem manifestado uma grande preocupação, que eu subscrevo, de cada vez mais trabalharmos de forma entrosada com as empresas, venham então perguntar o que estas pensam e querem, e se entendem que é Lisboa e a ATL que lhes defende os interesses. Entendo que quem cá está é que conhece o terreno e as empresas, apesar de a ATL ter um trabalho magnífico, é muito centrado na cidade de Lisboa, e quando muito na área metropolitana. Há muito que defendo, e já o disse na ATL, que uma coisa é a

Área Metropolitana de Lisboa outra é o demais território... são duas áreas que se complementam mas que têm de ter lideranças próprias e entidades próprias, ainda que tenham de articular o trabalho, e nada tenho contra isso.

Não queremos ser independentes, mas sim ter a nossa própria estratégia e casá-la com a dos outros e não é isso que acontece, porque estamos numa posição, diria quase de submissão aos interesses da Grande Lisboa, que são legítimos porque é lá que está a maior oferta. No entanto, nós também estamos a crescer e por isso o Governo criou para o Oeste um pólo, porque percebeu a nova realidade.

Então concorda com a decisão de uma reestruturação mas não com a forma como o processo decorreu, é isso?

Concordo com uma reestruturação nas áreas regionais de turismo mas não concordo como o processo foi feito, apesar de reconhecer que era difícil e que o Governo tinha de encontrar uma solução.

Dou o meu benefício da dúvida mas serei extremamente crítico se isto não servir para nada, ou seja se as novas entidades forem meramente folclóricas, mais valia deixar estar, porque não acredito que se vá gastar menos dinheiro.

Entendo que foi um período difícil em que alguns de nós, (e eu em particular) tenhamos usado uma linguagem menos elegante (mas sempre democrática).

É evidente que no calor da luta em que se defende aquilo em que se acredita, e que face a alguns silêncios e mudanças de última hora, eu tenha reagido. Se o SET nalgum momento se sentiu ofendido com alguma expressão menos elegante, não foi minha intenção.

A página está virada e o Oeste prepara-se para a mudança. O secretário de Estado do Turismo pode contar comigo enquanto estiver à frente da Comissão Instaladora para se preparar estatutos para um órgão que possa efectivamente estar à altura da mudança. Porque é essa a intenção do Governo para criar organismos mais ágeis, com mais massa crítica e maior capacidade de intervenção. Manifesto a minha confiança no SET e espero que veja, quer no António Carneiro quer no pólo do Oeste, pessoas e entidades que vão ter de cooperar para a construção de um futuro cada vez melhor turisticamente, quer para o País quer para o Oeste em particular. ■